A língua é uma das maiores invenções da humanidade, um fio invisível que liga corações, povos e gerações. É através dela que expressamos emoções, transmitimos saberes e construímos civilizações. Mais do que um código, a língua é uma casa comum onde habita a nossa identidade. Fernando Pessoa dizia: “A minha pátria é a língua portuguesa.” E tinha razão, porque uma língua pode unir pessoas e países, atravessando oceanos e fronteiras sem precisar de passaporte.

A língua é simultaneamente instrumento de comunicação e expressão cultural, desempenhando um papel determinante na construção da identidade individual e coletiva. Ela transporta memórias, valores e modos de ver o mundo, funcionando como um espelho das sociedades e um veículo de continuidade histórica (Hall, 2019). Quando povos distantes partilham uma língua, como acontece entre os países lusófonos, formam uma comunidade simbólica que transcende as fronteiras geográficas (CPLP, 2024). Nesse sentido, a língua portuguesa representa um património cultural partilhado por milhões de pessoas em quatro continentes, expressando a pluralidade e a unidade de um mesmo universo linguístico.

No entanto, se a língua é ponte, também pode ser muro. O poder das palavras pode curar ou ferir, libertar ou aprisionar. Como refere Bourdieu (1991), o discurso é um instrumento de poder simbólico, capaz de legitimar ou excluir. Essa ambivalência torna a língua um campo de escolhas éticas e políticas. Fairclough (2023) reforça esta ideia ao argumentar que o discurso reproduz estruturas de poder e desigualdade social, sendo necessário um uso crítico e consciente da linguagem.

A linguagem é ainda uma estrutura de pensamento. Sapir (1921) e Whorf (1956) mostraram que as categorias linguísticas influenciam a perceção da realidade, hipótese conhecida como relatividade linguística. O modo como nomeamos o mundo molda o modo como o compreendemos. A língua, portanto, não apenas comunica ideias — cria mundos.

Hall (2019) sustenta que a cultura se manifesta através da linguagem, pois é nela que os significados são produzidos e partilhados. A língua é, assim, um instrumento de representação e de poder. Nos países que partilham o português, a língua tornou-se também veículo de empatia e diplomacia cultural. O Instituto Camões, por exemplo, promove o português como língua de ciência, arte e cooperação internacional, transformando-o num instrumento de *soft power* (Camões, 2025; Nye, 2024).

Contudo, a globalização trouxe novos desafios. O inglês consolidou-se como língua franca

global, mas essa hegemonia levanta questões quanto à perda de diversidade linguística e cultural (Phillipson, 2022). A UNESCO (2024) alerta que cerca de 43% das línguas do mundo estão em risco de extinção, o que representa uma perda irreparável de património imaterial e de formas de pensar o mundo. Preservar as línguas é preservar a biodiversidade cultural da humanidade.

A língua também pode ser entendida como um espaço emocional. Para Nussbaum (2021), a comunicação baseada na escuta e na empatia é essencial para sociedades democráticas. Habermas (1984) defende que o entendimento mútuo é o fundamento ético da convivência social, o que torna a linguagem o principal instrumento de mediação humana. O modo como comunicamos revela o modo como cuidamos do outro.

As palavras, portanto, não são neutras. Como afirmava Paulo Freire (2018), "a palavra não é inocente: ela transforma o mundo". A escolha das palavras é um ato ético e político. No contexto digital, essa escolha ganha nova relevância. A propagação de discursos de ódio nas redes sociais mostra como a linguagem pode ser usada para polarizar e dividir (Farkas & Neumayer, 2024). Por isso, a literacia linguística e emocional torna-se uma competência essencial para a cidadania global. Saber falar é também saber escutar.

A língua dá-nos muitas opções, mas nem todas conduzem à união. Cada palavra que pronunciamos é uma escolha: pode ser ponte ou muro, aproximação ou afastamento. A mesma frase que consola também pode ferir. Por isso, a língua exige consciência. É liberdade, mas também responsabilidade. Quando usada com empatia, torna-se ponte; quando usada com arrogância ou preconceito, torna-se muro.

No campo internacional, a língua é também um instrumento de diplomacia e paz. O ensino e a valorização de línguas comuns têm-se revelado poderosos ferramentas de aproximação cultural. A *Estratégia de Promoção da Língua Portuguesa no Mundo 2024–2028*, da CPLP (2024), reforça esta perspetiva ao destacar o papel da língua como meio de cooperação académica e científica. O português, falado por mais de 265 milhões de pessoas, é hoje uma das línguas com maior potencial de crescimento global, unindo África, América, Ásia e Europa.

A diversidade interna do português é também uma expressão de riqueza cultural. Segundo Mateus (2023), as variações linguísticas não enfraquecem a unidade da língua, antes a fortalecem, refletindo as múltiplas histórias e geografias dos seus falantes. Essa pluralidade é

a prova viva de que a língua é um organismo dinâmico e inclusivo.

Santos e Henriques (2024) argumentam que a língua portuguesa cria comunidades transnacionais de sentido, sustentadas por uma história comum e um projeto partilhado de futuro. Essa dimensão simbólica é o que permite que falantes de contextos tão distintos, do Brasil a Moçambique, de Cabo Verde a Portugal, se reconheçam mutuamente na palavra e no som.

A língua é, portanto, mais do que um instrumento de comunicação: é um espaço de pertença. Ela revela quem somos, o que acreditamos e o que valorizamos. É, ao mesmo tempo, espelho e ponte, refletindo a nossa identidade e aproximando-nos dos outros. Quando usada com ética e consciência, pode tornar-se um instrumento de paz, solidariedade e diálogo intercultural.

Numa era em que a inteligência artificial começa também a "falar", surge uma nova responsabilidade: garantir que a linguagem humana continue a ser portadora de valores éticos, empáticos e culturais. As máquinas podem reproduzir o som das palavras, mas apenas o ser humano pode dar-lhes alma. A língua, no fundo, é o que nos distingue e nos une.

Assim, que saibamos usar as palavras como quem constrói pontes, com respeito, sabedoria e ternura. Que a língua continue a ser, em todas as suas formas e sotaques, uma ponte que une e um espelho que escolhe, refletindo, nas suas múltiplas vozes, a possibilidade de um mundo mais dialogante, justo e solidário.

Referências bibliográficas

Anderson, B. (2006). *Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism* (Rev. ed.). Verso.

Bourdieu, P. (1991). *Language and symbolic power*. Harvard University Press.

Camões – Instituto da Cooperação e da Língua. (2025). *Relatório de diplomacia cultural e ensino da língua portuguesa 2024–2025*. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros.

CPLP. (2024). *Estratégia de promoção da língua portuguesa no mundo 2024–2028*. Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Fairclough, N. (2023). *Language and power* (4th ed.). Routledge.

Farkas, J., & Neumayer, C. (2024). *The politics of hate speech online: Discourse and digital media*. Palgrave Macmillan.

Freire, P. (2018). *Pedagogia do oprimido* (50.ª ed.). Paz e Terra.

Habermas, J. (1984). *The theory of communicative action*. Beacon Press.

Hall, S. (2019). *Representation: Cultural representations and signifying practices* (3rd ed.). SAGE.

Mateus, M. H. (2023). *Diversidade e unidade da língua portuguesa*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Nussbaum, M. (2021). *The fragility of goodness: Luck and ethics in Greek tragedy and philosophy*. Cambridge University Press.

Nye, J. (2024). *Soft power revisited: The future of diplomacy in a connected world*. Oxford University Press.

Phillipson, R. (2022). *Linguistic imperialism revisited*. Oxford University Press.

Sapir, E. (1921). *Language: An introduction to the study of speech*. Harcourt, Brace & World.

Santos, T., & Henriques, P. (2024). *Comunidades lusófonas e identidade transnacional: Desafios e oportunidades*. *Revista Lusófona de Estudos Culturais, 12*(1), 45–62. https://doi.org/10.21814/rlec.2024.12.45

UNESCO. (2024). *World report on linguistic diversity and multilingualism*. UNESCO Publishing.

Whorf, B. L. (1956). *Language, thought, and reality: Selected writings of Benjamin Lee Whorf*. MIT Press.